

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| Prefácio | 15 |
| Capítulo I — <i>Como a estratégia pedagógica — maiêutica de Sócrates — permite passar da contestação à moral teórica. A progressiva consciência de classe como acesso à moral transitória</i> | 23 |
| I — As objecções à perspectiva moral: Da moral? Sem rir! | |
| II — A estratégia pedagógica que permite a maiêutica da consciência moral enquanto progressiva consciência de classe: utilizar a todos os níveis da trama social, a contradição interna da burguesia | 24 |
| A) A utilização da contestação: o primeiro auditério | 24 |
| B) A oposição dos estatutos sociais: o Pai, o Mandarim, o Esquerdista. A destruição recíproca destes estatutos | 26 |
| C) A revelação da contradição interna de cada grupo: autocrítica interna devida à hierarquia. A proposta, em cada estatuto, de uma primeira solução | 29 |
| D) A revelação da contradição íntima — da consciência de todo o elemento de grupo | 33 |
| E) Esta des-substancialização do ser de classe é a condição necessária à consciência moral — e de classe —. Só a democracia permite esta moral prática; a nossa maiêutica identifica-se com o jogo da democracia | 37 |
| F) A reconciliação definitiva dos nossos adversários e com os nossos adversários. A sua | |

| | |
|---|----|
| recuperação advogando... a sua causa: a dos universais (o Ser, o Saber, a Liberdade). A dupla dimensão do existencial | 39 |
| III — Da moral prática aos seus fundamentos teóricos. | |
| A moral transitória | 42 |
| A) O marxismo-leninismo pode propor-se segundo as próprias referências das pessoas em crise: os seus universais são constitutivos de relações de classes | 42 |
| B) O acto moral como encargo dos universais, segundo esta dimensão histórica | 47 |
| C) A liberdade na necessidade: a moral transitória | 50 |
| 1 — O consenso que autoriza as duas grandes atitudes da moral transitória | 51 |
| D) A acção moral como acção comum com os marxistas | 53 |
| E) Ou então a assunção da «Crítica do Julgamento» | 55 |
| F) As duas outras atitudes: as dos extremos. A restauração neofascista ou o consentimento no determinismo integral do processo de produção | 58 |
| IV — Conclusão | 59 |
| A) A nossa perspectiva moral concilia existencial é teoria | 59 |
| B) Esta estratégia pedagógica é a da aliança do proletariado com as classes médias | 61 |
| Capítulo II — <i>Em que condições a problemática moral pode aproximar-se da ética proletária. Genealogia da moral</i> | 63 |
| I — A essência da moral burguesa: função de suturação das fissuras do ser de classe | 63 |
| A) A moral é o meio das transmutações categoriais de uma estrutura (o jogo do conjunto lógico-histórico) | 63 |
| B) A des-substancialização de classe pelo seu negativo | 66 |
| II — Os três lugares genealógicos da moral | 68 |

| | |
|--|----|
| A) A personalização (burguesa) realiza-se pelas três suturações das três fissuras | 70 |
| III — A suturação macro-social: ruptura com a feudalidade | 71 |
| A) Ética original (corporativismo), mercantilismo, serviços e funções da Nação | 71 |
| B) A moral e a cultura do superstrutural | 72 |
| C) Feudalidade e burguesia: sobredeterminação inconsciente e contradição consciente | 73 |
| IV — A suturação da fissura interna do ser de classe | 74 |
| A) A reprodução das relações de produção. Direito natural, acumulação, filiação. A origem da proibição moral | 74 |
| B) A história económica dá a variável da dualidade interna | 79 |
| 1 — A pura acumulação capitalista | 79 |
| 2 — Os três momentos da expansão económica | 80 |
| a) Passagem de um submodo de produção a outro | 80 |
| b) Passagem ao grande comércio (liberalismo) | 82 |
| c) Passagem ao C. M. E. (esquerdismo) | 82 |
| C) O desvio da acumulação: como lugar de reinvestimento — pelo filho — de uma parte da mais-valia na posse, sem abandonar o sistema | 82 |
| 1 — Sistema de parentesco, desvio da acumulação, extensão dos sectores de produção | 83 |
| V — A suturação da fissura vinda do mundo de baixo. Moral e ética: as três diferenças | 88 |
| A) A autonomia ética do proletariado e a consciência infeliz da liberdade burguesa | 89 |
| B) Primeira diferença e sutura: a ordem ética é o princípio de realidade. Ruptura do cordão umbilical: a maturidade afectiva como corolário da maturidade produtiva. A imaturidade burguesa: o abuso do direito natural (nevrose). O modelo da norma e a patologia da delinquência | 91 |

| | | |
|-------|---|-----|
| C) | Segunda diferença e sutura: a relação produção-consumo define três ordens: ética, liberdade, sociedade sem classes. A moral como alusão — simbólica — à ética. Princípio da realidade, princípio do poder, princípio do prazer. — As equivalências da mais-valia: privação de consumo (do proletariado): princípio de prazer (da ideologia). A explicação do sistema marginal pela genealogia da produção: tempo de trabalho abstracto e tempo marginal concreto. Os quatro enraizamentos do princípio de prazer | 95 |
| D) | Terceira diferença e sutura: a assunção objectiva do negativo: privação de consumo e produção do consumo libidinal burguês. O pathos da disputa pai-filho envia para o inconsciente o enunciado ético. A liberdade burguesa é esta negação | 107 |
| | 1 — A suspeita de jansenismo | 108 |
| VI — | A recuperação estratégica — pelo marxismo-leninismo — da cultura moral: a moral transitória que pode convergir para a ética proletária | 108 |
| A) | A complementaridade dialéctica dos nossos dois caminhos: a maiêutica existencial permite aceder à moral transitória, pois a teoria da moral burguesa permite eliminar o idealismo moral | 109 |
| B) | Como a crise existencial se articula neste caminho teórico: o papel do intelectual ... | 110 |
| C) | Às classes médias, ao liberalismo, e até ao desvio da acumulação, podem propor-se os níveis da moral transitória | 110 |
| D) | A recuperação do aparelho psíquico da pessoa moral, como acto moral finalmente efectuado. A função de reprodução volta-se contra a ideologia. O aparelho psíquico — portanto a pessoa — torna-se autónomo. A moral cumpre-se e ultrapassa-se na consciência de classe. A moral transitória tem a pesada tarefa de assumir o processo de negação da história | 111 |
| VII — | Conclusão: O tratado de moral é feito do sistema dialéctico, de cinco definições da moral | 114 |

| | |
|---|-----|
| Capítulo III — <i>Como a cultura burguesa ergue uma proibição à moral transitória. Genealogia do bairro</i> | 117 |
| I — O discurso teórico é para o «homem honesto». É necessário voltar à polémica para denunciar o terrorismo da cultura mundana definindo o seu modelo | 117 |
| A) O lugar da ideologia, do inconsciente, do negativo: o bairro | 119 |
| II — A genealogia do bairro em referência ao modo de produção capitalista: o desvio da acumulação (reconstituição e continuação) | 121 |
| A) Os três níveis da movimentação macro-social | 121 |
| 1 — O papel privilegiado do sistema de parentesco | 121 |
| B) As leis de regulação — pelo sistema de parentesco — da demografia: hierarquização, suturação, rejeição | 125 |
| C) A mutação cultural: os estatutos de classe redistribuem a ideologia neokantiana. Do liberalismo ao esquerdismo | 126 |
| 1 — Os dois níveis. Modelo de referências e entropia dos valores. Os estatutos sociais como funções ideológicas. Os três predicados de classe: o proprietário, o engenheiro, o artista, como desvios da moral, da ciência, da estética. O bairro é o término | 128 |
| III — A genealogia específica do bairro | 130 |
| A) O bairro: lugar de revelação das formas culturais da passagem do C. C. L. ao C. M. E. O poder marginal, prescriptor de modelos ... | 131 |
| B) O surrealismo: uma categoria torna-se autónoma — a estética —, porque ela é o lugar de convergência e homogeneização da recusa da cultura republicana e radical, da recusa da Revolução de Outubro (emigrados), da recusa da ideologia da Vitória | 133 |
| 1 — A recuperação: ou como o recuperável é o lugar de constituição do modelo transgressivo das novas burguesias | 136 |

| | |
|---|-----|
| 2 — A contestação esquerdista será a expressão macro-social do modelo marginal surrealista. A taxa de crescimento do C. M. E., autoriza esta mutação | |
| C) A delimitação do elitismo marginal, pela sociedade global | 138 |
| 1 — A perfeição estética do surrealismo (ou a armadilha para o imbecil) | |
| 2 — A regulação ao nível profissional: reduzir a crise | |
| a) Giraudoux: cultura de tradição. A tradição humanista do administrador. O provincianismo (equilíbrio da região e da centralização). Entre a reacção dos fidalgotes e o cosmopolitismo niilista... .. | 141 |
| b) St. Exupery: cultura da modernidade. A renovação do idealismo moral pela tecnologia. O heroísmo do serviço faz aceitar o progresso | 143 |
| 3 — A regulação ao nível político: ultrapassar a crise. Céline e Aragon denunciam Breton: a subjectividade recusa a sua recuperação pela estética | 145 |
| a) Céline: ou o niilismo radical que tende para o literário | 146 |
| b) Aragon: a estética surrealista reencontra um conteúdo, e assim se salva | 146 |
| D) Do liberalismo ao esquerdismo. A repetição no paroxismo. O freudo-marxismo homogêneza, existencialismo, e surrealismo, num direitismo. A ambiguidade constitutiva do esquerdismo | 150 |
| 1 — O esquerdismo passadista. Os três níveis da marginalização. O sector terciário, marginal à burguesia industrial e comercial. Os marginalizados a esta marginalização. A marginalização pela informática. Pequenas empresas, camponeses, pequenos comerciantes. A crise é vivida na revolta. A estratégia do C. M. E., assim autorizada | 153 |

| | |
|--|-----|
| — O esquerdismo modernista. Do marginal da falta, ao marginal da «abundância» | 156 |
| a) O esquizofrenismo. As três características. A equação que autoriza o seu estatuto e a prova que, mesmo para subsistir, é preciso trabalhar: o trabalhador estrangeiro | 158 |
| b) As etapas do sistema marginal: família, estado, código, tecnologia, etc... que constituem a sua «inocência» contestatária | 159 |
| c) A diferença entre a marginalidade esquizo e a marginalidade politizada. O poder do sinal e sobre o sinal: a economia das condutas psicológicas tradicionais do consumo e da produção. Estratégia suprema da ideologia | 162 |
| d) Significante, significado, referente do C. M. E. | 164 |
| e) A exploração máxima dos dois efeitos do crescimento do C. M. E., a tecnologia e o bucólico. O modelo para a nova sociedade social-democrata ... | 164 |
| IV — Conclusão | 165 |
| A) Este oportunismo revela a problemática revolucionária | 165 |
| B) Mecanismo e Destino. O trágico do bairro. Cultura de catarse de classe | 166 |
| C) O novo idealismo. Este modelo radical de recusa da cultura moral, sendo conhecido como modelo ideológico do C. M. E., pode ser afastado. O lugar está livre para a moral transitória | 169 |